

*A Festa de Nossa Senhora da Pena de Porto Seguro: inserções  
no tempo e no espaço*

*“Nossa Senhora da Pena” from Porto Seguro: insertions in  
time and space*

*La fête de “Nossa Senhora da Pena” à Porto Seguro:  
Insertions dans le temps et dans l’espace.*

Alexandre Siqueira de Freitas  
Universidade Federal do Espírito Santo<sup>1</sup>  
alexandre\_sfreytas@yahoo.com.br

Hatus Lima Brito  
Universidade Federal do Sul da Bahia  
hatus\_hb@hotmail.com

---

**Resumo**

Este texto traz caracterizações e reflexões sobre a festa de Nossa Senhora da Pena, na cidade de Porto Seguro. Apresentamos os resultados de uma pesquisa baseada em entrevistas e na observação participativa, norteadas por referências bibliográficas gerais – que tratam dos conceitos de “festa” e de questões históricas e geográficas – e específicas – que mencionam a festa em questão e a cidade. O texto traça um breve percurso histórico de nosso objeto, mencionando suas transformações, problematizando as dimensões *sagradas* e *profanas* e traçando paralelismos entre as ordens internas da festa e da cidade.

**Palavras-chave:** Festividade, Sagrado e Profano, Feira, História oral.

---

**Abstract**

This text presents and reflects on the party phenomenon around “Nossa Senhora da Pena”, in Porto Seguro city. We present some results based mainly on interviews and participant observation, supported by general references – dealing with party phenomenon and historic and geographic questions – and specific – that cite the party in question and the city in which it takes place. This text brings a brief historical background, conceptual guidelines and we reflect about the transformation of this celebration, mentioning sacred and profane elements, and drawing parallels

its internal dynamics and social transformations of the city.

**Keywords:** Festivity, Sacred and Profane, Free Fair, Oral History.

---

### Résumé

Nous allons présenter et réfléchir, dans ce texte, sur le phénomène “fête” à partir de caractérisations historiques autour de commémorations de “Nossa Senhora da Pena”, dans la ville de Porto Seguro, au Brésil. Nous présentons des résultats provenant surtout des entretiens et de l’observation participative, guidées par des références bibliographiques générales – concernant le concept de fête et des questions historiques et géographiques – et spécifiques – qui mentionnent la commémoration en question et la ville. Le texte fournit un panorama historique de cette fête, en présentant quelques axes conceptuels et en vérifiant ses transformations, cela sans oublier la problématique du sacré et du profane et les parallélismes entre les ordres internes de la fête et de la ville.

**Mots-clés:** Festivité, Sacré et Profane, Marché, Histoire Orale.

---

## Introdução

*“Os ritos não são feitos para que a eles se assista,  
mas para que neles se tome parte.”*

(HATZFELD, 1997, p. 115).

Como pesquisadores e participantes, decidimos voltar nossos olhares a uma comemoração que, durante seus 10 dias de duração, impacta e é impactada pela cidade em que se inscreve. Uma festividade religiosa tradicional não é necessariamente um espetáculo a ser observado, mas um tempo-espaço a ser partilhado.

Voltamo-nos à festa de Nossa Senhora da Pena, que acontece todos os anos, em torno do dia 8 de setembro, na cidade de Porto Seguro. A comemoração em questão, e como questão, flerta com uma densidade histórica baseada muito mais em memórias coletivas expressas na oralidade que em registros formais bibliográficos, muito escassos e limitados a apenas algumas menções esporádicas. Por isso, além de nossa participação direta em todas as etapas da festa, foi preciso recorrer à história oral, para conduzir caracterizações e reflexões deste texto. Nossas entrevistas são tomadas como meio de acesso ao conhecimento e como história viva, “janela que deixa ventilar o ar puro do ‘tempo presente’” (MEIHY, 2006, p. 194).

Na óbvia impossibilidade de esgotar o entendimento de um fenômeno como uma festa, limitamo-nos a algumas ponderações que possam

desdobrar-se em outras investigações. Acreditamos que a especificidade de uma festa possa se abrir a férteis analogias com outras comemorações e situações. Abordamos questões de ordem antropológica, sociológica, histórica e geográfica, no ensejo de, ao menos, nos confrontarmos à complexidade de tal evento festivo, pouco ou nunca estudado em um contexto acadêmico. Nosso principal objetivo é fazer emergir olhares sobre esta festa de grande importância local e, talvez, uma das mais antigas comemorações católicas realizadas no território que veio a se chamar Brasil.

Como acontece na maioria das grandes comemorações públicas, a festa em questão congrega diversos elementos de significação em um sistema. Sua abordagem será sempre lacunar, em maior ou menor grau. Optamos por nos concentrar, por um lado, em sua caracterização geral e, por outro, na visível cisão existente na festa, entre *sagrado* e *profano*, e em seus paralelismos com a estrutura espacial da cidade de Porto Seguro. Como notou Carlos Eduardo S. Maia, “enquanto modo de lidar com o mundo fundado em tradições [...], os rituais têm um conteúdo emocional e produzem interações espaciais” (2010, p. 98).

Um “rito”, neste texto, é entendido genericamente, como conjunto de atividades organizadas, comportando gestos, símbolos, linguagens e comportamentos que conferem um sentido ao “ritual”. Soma-se a esse entendimento, o de Émile Durkheim, segundo o qual “rito” articula-se de forma sistemática à “crença” para constituir-se como religião (WEISS, 2012, p. 104). Ambos, rito e crença, seriam formas elementares da vida religiosa que se fazem presente em uma festividade religiosa e serão mais bem definidas ao longo deste texto.

No entanto, a oposição entre *sagrado* e *profano*, intensa e rigorosamente teorizada por Émile Durkheim, tem uma forte carga ideológica positivista, como bem mostrou Henri Hatzfeld (1997, p. 23). Seria, talvez, possível entender a religião e seus rituais também como um fato social como os outros, sem uma pretensão de delimitar claramente instâncias antitéticas. Conscientes de que tais instâncias antitéticas têm valor, principalmente como modelo abstrato de compreensão de um fenômeno, optamos pela utilização pontual dos termos *sagrado* e *profano*, devido à possibilidade de paralelismos entre as estruturas geográficas da festa e da cidade.

Nossas entrevistas, que conduzem boa parte do texto, além de descreverem especificamente a festa de Nossa Senhora da Pena e as suas permanências e transformações, revelam estruturas comuns de uma festividade com importância local, o apreço pela manutenção da tradição e a perplexidade de seus participantes em face de suas inevitáveis modificações.

Este texto está dividido em cinco partes. Primeiramente, tecemos considerações históricas sobre a festa, considerando as suas origens e simbolismos, com base tanto em fontes bibliográficas específicas e escassas, quanto em entrevistas realizadas ao longo da pesquisa. Segue-se uma breve explanação sobre o conceito de festa, a partir das leituras de Perez (2011), Amaral (2011) e Maia (1999).

As caracterizações mais específicas sobre a festa de Nossa Senhora da Pena, na terceira parte, são conduzidas pelas entrevistas que, por vezes, são seguidas de comentários que as inserem em entendimentos mais amplos da noção de festa. As considerações sobre a dicotomia da festa e seus paralelismos com a distribuição espacial da cidade estão na quarta parte do artigo. Por fim, levantamos nossas últimas considerações, que sugerem acordos e tensionamentos nas noções de espaço, de *sagrado* e de *profano*, na festa em questão e nas analogias com ela tecidas.

### **Nossa Senhora da Pena**

Pouco tempo depois de o rei de Portugal, D. João III, criar o sistema de divisão territorial conhecido por Capitânias Hereditárias, em 1534, Pero do Campo Tourinho é nomeado donatário da Capitania de Porto Seguro. Nesta mesma época, chega à colônia um certo número de imagens religiosas, entre elas a de Nossa Senhora da Pena. Em 1535, foi ela quem deu nome à localidade: “Povoado de Nossa Senhora da Pena de Porto Seguro” (ARANTES, 2001, p. 46). Reconhecida pelos devotos como padroeira das artes, ciências e letras, sua celebração remonta à Renascença, diferentemente de outras invocações à Nossa Senhora muito comemoradas no Brasil, como Nossa Senhora de Aparecida (século XVIII), Nossa Senhora das Graças (século XIX), Nossa Senhora de Lourdes (século XIX) e Nossa Senhora de Fátima (século XX), por exemplo.

O culto à Nossa Senhora da Pena deu-se originalmente na Espanha. Relaciona-se com uma escultura cuja imagem era atribuída à Nossa Senhora e havia sido encontrada no cume de uma montanha no oeste da Espanha, chamada “Peña de Francia”. Em espanhol, à figura religiosa é dado o nome de *Nuestra Señora de la Peña de Francia*. No Brasil, a maior parte dos templos religiosos a denomina “Nossa Senhora da Penha”. Segundo Maurício (1945, p. 276), “pena”, no caso da denominação da figura religiosa, é sinônimo de “penha”, que significa “elevação de pedra, penedo”. “Nossa Senhora da Pena”, escrita desse modo, aparece somente em algumas poucas localidades, no Brasil e em Portugal. É o caso das igrejas de Rio Vermelho e de Buritis, em Minas Gerais, do bairro de Jacarepaguá no Rio de Janeiro (grafado, na maioria das vezes, como “Penna”), da igreja matriz de Porto Seguro, na Bahia, e de duas igrejas em Portugal, uma na freguesia de Mouçós, em Vila Real, e outra em Lisboa. Na imagem trazida por Tourinho, no século XVI, a santa possui, em sua mão direita, uma caneta de pena, validando sua condição de padroeira das letras e da imprensa, como as vezes é descrita. Nas imagens mais recentes, com a denominação de Nossa Senhora da Penha, a figura feminina é apresentada seja com um cedro em sua mão direita, seja com a mão livre. Mas a coincidência da data de celebração, 8 de setembro, a etimologia de “pena” e alguns aspectos de representação, como a presença do menino Jesus coroado no colo da figura feminina, nos permite inferir que se trata originalmente de uma mesma personagem religiosa. Percebe-se que a adoção do substantivo “pena” no lugar de

“penha” acabou por evocar outros significados. A palavra “pena”, como afirmou o *Entrevistado 1* (43 anos, frei), é entendida por muitos fiéis como “piedade”, “dó”<sup>2</sup>. Segundo ele, “pena” estaria ligada ao fato de a santa possuir uma caneta de pena em sua mão. Embora pareça-nos muito coerente, vimos que, etimologicamente, o termo tem outro significado. De qualquer modo, a manutenção da grafia “pena” repercute nas significações que hoje os indivíduos dão a tal figura religiosa. Assim, uma variação ortográfica, com o passar dos anos, pode refletir-se em novos sentidos dentro de um determinado grupo social. Alguns dos nossos colaboradores entrevistados reagiram com muita desconfiança quando falamos sobre a origem comum das Nossas Senhoras da Pena e da Penha.

Sobre os vestígios de uma capela construída no século XVI, foi erguida a igreja Matriz de Nossa Senhora da Pena, iniciada em 1730, reformulada e finalizada em 1773, pela Coroa Portuguesa (ARANTES, 2001). Segundo o *Entrevistado 1*, a capela que a precedeu já levava o mesmo nome<sup>3</sup>. A igreja, que abriga a imagem, situa-se no Centro Histórico de Porto Seguro. Junto a ela, um complexo de casas dos séculos XVII ao XIX, tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Museu de Arte Sacra (no local onde havia a Igreja da Misericórdia, de 1526), a câmara e cadeia municipais do século XVIII (onde hoje funciona o Museu do Descobrimento), e vestígios arqueológicos do primeiro colégio jesuíta do Brasil, do século XVI. A igreja Matriz de Nossa Senhora da Pena firmou-se como um dos principais pontos turísticos da cidade e do extremo sul da Bahia. Entre os dias 30 de agosto e 8 de setembro, acontece uma série de festividades, conhecida por muitos de seus participantes simplesmente como “festa da Pena”.

## Uma festa

Como grande parte das festas, religiosas ou não, realizadas em espaços públicos, a festa da Pena traz consigo uma série de complexidades no que diz respeito às principais forças histórico-culturais atuantes. Seus diversos atores – turistas, romeiros, fiéis locais, músicos, políticos, autoridades eclesiais, vendedores ambulantes etc. – agem na constituição de uma intrincada trama de relações.

O termo “festa” é uma denominação genérica que, como observou Perez (2011, p. 22), “cria problemas quando se trata de singularizar e conceituar”, pois é simples identificar um evento como festa, porém qualificá-lo e particularizá-lo já não o é. Uma festa – poderíamos dizer o mesmo de uma obra de arte – caracteriza-se justamente por comportar ambiguidades internas, algo que um discurso dificilmente

---

<sup>2</sup> *Entrevistado 1*. 43 anos [janeiro. 2016]. Entrevistadores: Hatus Lima Brito e Carina Rocha. Porto Seguro, Bahia. 26 de janeiro de 2016.

<sup>3</sup> *Entrevistado 1*. Op. cit.

dá conta de desvelar. No interior de uma festa, articula-se tradição e modernidade e são expostas transformações e continuidades. Como observou Maia (1999, p. 200), a tradição manifesta-se na “preocupação por parte dos participantes em preservar um legado de crenças, hábitos, elementos alegóricos, etc.”. A modernidade se expressa na inevitável adaptação aos novos tempos e espaços, determinado por fluxos sociais, sistemas econômicos e outros. Mantêm-se certas tradições constituídas por rituais como um conjunto de práticas tanto religiosas quanto normatizadoras da utilização do espaço, ao mesmo tempo em que se molda e se deixa moldar por forças sociais e econômicas do tempo presente. Na descrição Amaral (2011, p. 74), uma festa é, entre muitas outras caracterizações possíveis, “mediação entre os anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade”, “entre ‘nós’ e os ‘outros.’”

O termo festa, fortemente polissêmico, está imerso no entendimento do senso comum e, por isso, cientistas sociais procuraram reduzir sua ambiguidade. Na teoria antropológica clássica, a festa é tomada geralmente como objeto/fato em termos descritivos. É elemento/índice para elaboração de sínteses, tabelas, panoramas, quadros, tendo sido quase sempre observada como algo exterior ao pesquisador e que pressupõe um grau elevado de objetividade descritiva (PEREZ, 2011, p. 23).

Nesta pesquisa, adotamos a perspectiva de Perez (2011, p. 21), segundo a qual uma festa é “muito mais do que aquilo que usualmente designamos como tal”. A autora propõe o que chamou de “horizonte compreensivo”, que, no lugar de tomar uma festa em sua exterioridade, como “festa-fato”, entende-a como “festa-questão”, prenhe de novos e mutáveis significados. Evitamos, assim, cair “no fácil equívoco de crer que descrever festas é estudá-las ou compreendê-las” (AMARAL, 2011, p. 69). Perez e Amaral convergem, assim, com o entendimento de Hatzfeld (1997, p. 115), segundo o qual só é possível compreender um ritual quando se torna parte dele.

## A “festa da Pena”

Gosto muito, muito mesmo, estimo! Eu estimo a festa dela! Gosto muito, de todo o meu coração, gosto muito da festa de Nossa Senhora da Pena. Gosto muito, meu filho. Graças a Deus, toda a vida teve essa festa. Ela é a padroeira daqui. [...]. Ela é natural, é daqui mesmo. Ela é nossa mãe protetora, Nossa Senhora da Pena.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> *Entrevistada 5*. 88 anos. [maio. 2016]. Entrevistadores: Hatus Lima Brito e Carina Rocha. Porto Seguro, Bahia. 05 de maio de 2016.

Nascida e criada na Cidade Histórica, a *Entrevistada 5* (aposentada), aos 88 de idade acompanhou e acompanha as inúmeras transformações ocorridas na festa e em sua vizinhança – boa parte das casas foram ocupadas mais recentemente, seja por comércio, seja por moradores vindo de outras regiões e com maior poder aquisitivo. A enfática estima da *Entrevistada 5* pela Nossa Senhora da Pena e sua celebração fica mais que clara ao longo de sua entrevista.

Como foi dito, norteamos nossa investigação por fontes bibliográficas – referências que abordam questões relacionadas à cidade e às festas em geral –, mas sobretudo pelas entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores e em nossa própria vivência como observadores e participantes da festa. Todos os colaboradores entrevistados que abordamos foram, na sua maioria, enfáticos ao mencionar as suas percepções da festa e transformações. Eles revelaram algum tipo de relação afetiva intensa com o evento, seja como frequentadores/consumidores, seja como religiosos e/ou comerciantes. Na maior parte das falas é nítido um grande apreço pela festa, assim como uma nostalgia, provinda de um tempo em que a festa tinha proporções bem mais modestas. Tais demonstrações de estima atingem seu ápice no depoimento da *Entrevistada 5*, apresentado acima. Tal apreço, acompanhado de nostalgia, mais que atribuições específicas sobre a festa, revelam o desejo da manutenção das atividades simbólicas socialmente exercidas, ou seja, uma valorização da tradição.

As entrevistas, aqui descritas ou transcritas, se deram entre os meses de janeiro e maio de 2016, e foram realizadas com 11 pessoas de perfis e faixas etárias bastante variados.

Não chegamos a uma data precisa de quando se iniciaram os festejos de Nossa Senhora da Pena, em Porto Seguro. Existe a possibilidade de que ela esteja entre as festas católicas mais antigas do Brasil, já que a sua imagem chegou ao território logo nas primeiras décadas de ocupação portuguesa e a ela foi concedida certo destaque, dando nome primeiramente à capela e, em seguida, à igreja, além de ter sido o nome atribuído à localidade em que se instalou: Vila de Nossa Senhora da Pena. Difícil, porém, situar com precisão o início dos festejos em torno dessa figura religiosa. Documentos que poderiam conter importantes informações sobre a festa, tais como antigas atas de reuniões, segundo o *Entrevistado 1*, não estão em poder da Igreja<sup>5</sup>. Foram perdidos ou estão em posse de algum fiel que a nós não foi possível acessar.

Na atualidade, as atividades religiosas de Nossa Senhora da Pena de Porto Seguro compreendem, além das missas, uma procissão, uma novena e duas carreatas. Nos primeiros dias de festejo ocorrem missas, batismos, homenagens aos profissionais da região e consagração da imagem da santa, bem como a recepção dos fiéis, muito deles vindos de cidades do entorno e de localidades mais distantes. A

---

<sup>5</sup> *Entrevistado 1*. Op. cit.

maior parte das celebrações religiosas concentra-se, no entanto, no décimo e último de festejo. A programação do dia 8 de setembro começa com a chamada “alvorada”, às 5h30 da manhã, na qual fiéis tecem um percurso de carro pela cidade em direção à Paróquia de Nossa Senhora do Brasil, no centro comercial de Porto Seguro, chegando por volta das 7h da manhã. Às 10h do mesmo dia, inicia-se a missa festiva no Centro Histórico, com a presença de representantes religiosos e do poder público. No período da tarde, às 15h, acontece a procissão e o encerramento da festa, sinalizado por uma carreata, maior que aquela da alvorada, percorrendo bairros adjacentes e retornando à Cidade Histórica<sup>6</sup>. Esses são os aspectos rituais, solenes. São ações formalizadas que comportam regras de comportamento e expressões performáticas precisas.

A festa da Pena, entretanto, toma proporções que vão além de seu status religioso. Ela pode ser considerada como *sacro-profana*, assim como o é boa parte das festas de nosso país, pois é possuidora de um conteúdo mítico-religioso de base e, ao mesmo tempo, agrega uma movimentada feira cuja motivação não é necessariamente religiosa (AMARAL, 2011, p. 75). O tema do sagrado e do profano consolidou-se nas ciências sociais no princípio do século XX a partir de Émile Durkheim em *As formas elementares da vida religiosa*, publicado em 1912. Entendido de forma ampla, o sagrado seria uma parte da realidade que define o cerne da religião e que se compõe de um conjunto de crenças e ritos que formam certa unidade. As crenças seriam compostas por dimensões cognitivas culturais, enquanto os ritos por uma dimensão material/institucional (VARES, 2015, p. 6). O sagrado estaria apartado das coisas cotidianas, essas associadas ao profano. Em Durkheim, as crenças são definidas ainda como “estados de opinião”, que consistem em representações, enquanto os ritos são “modos de ação determinados” (Durkheim, 2003, p. 19 apud WEISS, 2012, p. 104). [...] “as crenças são representações de algo específico, e é justamente esse algo, ou seja, o *objeto* da crença, que a define enquanto crença, enquanto uma representação especial, diferentemente das demais formas de representação.” (WEISS, 2012, p. 104).

O aspecto profano da festa da Pena, representado pela ascensão de sua dimensão comercial, interferiu decisivamente na sua atual configuração, como veremos mais abaixo. Quando amparado pela história viva na oralidade – das entrevistas realizadas, das conversas informais com os participantes e moradores da cidade e da nossa participação no ano de 2015 –, fica claro o acentuado dinamismo das transformações da festa, ao menos nas últimas três décadas. Sua organização interna, sua conformação geográfica e a inclusão de novos elementos que a constituem – como os vendedores ambulantes vindos de outras cidades e fiéis

---

<sup>6</sup> É importante notar que, no último dia da festa, e também nos dois dias que a antecedem, um tradicional grupo musical da cidade, a “Filarmônica Dois de Julho”, junta-se às comemorações religiosas (procissão e missa).

provindos do crescimento do turismo religioso – são algumas das transformações latentes observadas e compartilhadas pelos colaboradores desta pesquisa. O crescimento populacional da cidade, sobretudo nos anos 1990, e o expressivo aumento de vendedores ambulantes, deram, ao longo dos anos, maior relevância e autonomia à feira ligada à festa, a ponto de haver uma explícita cisão entre as dimensões religiosas e comerciais (NETO, 2013).

### **Duas festas? Duas cidades?**

“Feiraguai”, é como a *Entrevistada 3*, de 56 anos (empregada doméstica), costuma chamar, não sem ironia, a feira de roupas e alimentos que compõe a festa da Pena, não muito longe de sua casa no centro histórico de sua Porto Seguro natal<sup>7</sup>. Embora possa parecer algo dissociado da festa religiosa, a feira tem vínculo com as instâncias católicas, pois são elas que fazem sua gestão, com o aval do município. Isso inclui, ao menos, a organização do território da feira, metragem das barracas e o pagamento de taxas. A gestão ligada à igreja católica fica implícita para a maior parte dos frequentadores, e um número considerável de pessoas visitam somente à feira, em detrimento das atividades religiosas. “Não atribuo significado [à festa] [...] A feira, eu costumo frequentar desde criança<sup>8</sup>. Por ser evangélico, o *Entrevistado 6* (35 anos, contador e comerciante) não compartilha das crenças e rituais em torno de Nossa Senhora da Pena. Como ele, muitos outros evangélicos e pessoas de outras religiões ou não religiosas devem frequentar somente o segmento comercial da festa da Pena. Para essas pessoas, festa torna-se sinônimo de feira e todas as dimensões religiosas são rejeitadas voluntariamente, ou simplesmente ignoradas. A igreja católica, vale dizer, embora administre a feira, não explicita sua influência, nem mesmo estimula sua integração religiosa. O *Entrevistado 1* afirmou inclusive orientar os fiéis a não frequentarem a parte comercial, por ver contradição entre a prática religiosa e os “comportamentos mundanos”, como aquele atribuído ao consumo do álcool<sup>9</sup>.

Uma festa, no entanto, é um sistema vivo e comporta, por natureza, ambiguidades e tensões. A dimensão sagrada não está apartada dos fatos cotidianos. A *Entrevistada 3*, por exemplo, quando questionada sobre o significado da festa para ela, expõe essa coexistência de aspectos que podem ser tomados como divergentes: “eu gosto muito, entendeu? A festa é muito, muito, muito boa pra todo mundo que é religioso, né? E, tem seu lado profano, né? Assim... eu não sou muito devota à santa,

---

<sup>7</sup> *Entrevistada 3*. 56 anos. [maio. 2016]. Entrevistadores: Hatus Lima Brito e Carina Rocha. Porto Seguro, Bahia: 05 de maio de 2016.

<sup>8</sup> *Entrevistado 6*. 35 anos [maio. 2016]. Entrevistadores: Hatus Lima Brito e Carina Rocha. Porto Seguro, Bahia. 05 de maio de 2016.

<sup>9</sup> *Entrevistado 1*. Op. cit.

porque pra mim, Deus está em primeiro lugar, mas eu... acredito sim [na santa].”<sup>10</sup> Ela parece compreender a festa em sua integralidade ou, ao menos, fazer um esforço para conciliar as características diversas que ela observa na festa. Contrariando o que Durkheim havia afirmado sobre a divisão entre os espaços sagrado e profano – que partia das crenças –, Hatzfeld sugere que os ritos antecedem as crenças (apud MAIA, 2010, p. 89). As crenças seriam, portanto, explicações tardias originárias de práticas (ritos) cujas origens são incertas. Nossa entrevistada participa dos ritos mas, somente quando questionada, tenta integrar sua vivência racionalmente em uma crença.

A expansão da feira, como dissemos, ocorreu nas últimas décadas e a dissociação entre festa religiosa e feira nem sempre foi tão visível. Nos relatos da *Entrevistada 5* e da estudante de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências na Universidade Federal do Sul da Bahia, também nativa de Porto Seguro, *Entrevistada 9* (20 anos), a festa – que hoje também ocupa os acessos do Centro Histórico, isto é, a rua Dr. Antônio Ricaldi e o grande estacionamento adjacente – reduzia-se aos arredores da igreja Matriz no interior do Centro Histórico<sup>11</sup>. O *Entrevistado 7* (70 anos, vendedor ambulante), natural do Recife, quando interrogado sobre a existência da feira no momento em que começou a frequentar a festa, há 40 anos, afirmou:

Sim, a feira existia em menor proporção, e acontecia nas proximidades da igreja, no centro histórico. Era gerenciada inteiramente pelos moradores da cidade alta e por feiões moradores da cidade. [...] Antigamente, quando era feita aqui, era tudo iluminado, você entendeu? A festa era bonita, entendeu? Hoje não... 12

Para a mesma questão, a *Entrevistada 3*, que frequenta a festa desde a sua infância, comenta o deslocamento da feira para um local um pouco mais distante da igreja: “Já existia, sempre teve, só que era aqui na frente, aqui! Era aqui! Logo no começo da festa, montavam tudo aí na frente. Depois que passou lá pra trás, mas antes era aqui na frente.”<sup>13</sup>

É nítido que coexiste, no contexto festivo, dois ambientes bem distintos. Aquele mais estreitamente ligado à igreja é descrito, muitas vezes, como tranquilo, bem organizado. A feira anexa à festa, por outro lado, segundo alguns de nossos entrevistados, comporta certa tensão interna, refletida nos inúmeros roubos e furtos e

---

<sup>10</sup> *Entrevistada 3*. Op. cit.

<sup>11</sup> *Entrevistada 5*. Op. cit. *Entrevistada 9*. 20 anos. [abril. 2016]. Entrevistador: Hatus Lima Brito. Porto Seguro, Bahia. 22 de abril 2016.

<sup>12</sup> *Entrevistado 7*. 70 anos. [maio. 2016]. Entrevistadores: Hatus Lima Brito e Carina Rocha. Porto Seguro, Bahia. 05 de maio de 2016.

<sup>13</sup> *Entrevistada 3*. Op. cit..

eventuais brigas. Há, então, para muitos, a percepção de uma dupla realidade na festa, uma mais calma e uma mais perigosa. No depoimento da *Entrevistada 3*, entretanto, os dois ambientes parecem comportar certa tensão. Sobre a violência na festa religiosa e na feira, contradiz-se:

Sempre foi pacífica. Tem aqueles que gostam de levar o que é dos outros, mas nunca presenciei briga não. Meu filho mesmo, coitado! Já foi assaltado duas vezes dentro! O padre, ano passado, alertava o pessoal. No ano retrasado, ele foi assaltado duas vezes, uma até dentro da igreja. Meteram a mão dentro do bolso dele, dentro da igreja.<sup>14</sup>

Na expressão da violência, torna-se patente as ambiguidades internas da festa. “Na festa misturam-se alegria e angústia, regozijo e violência, prazer e dor.” (PEREZ, 2011, p. 25).

O *Entrevistado 7* e a *Entrevistada 4*, de 39 anos – esta última, há dois anos dona de barraca de alimentação que compõe a parte comercial da festa – relatam ainda uma precariedade estrutural<sup>15</sup>. Não existem, segundo os dois, mínimas condições de limpeza, além de não haver um retorno público ou da igreja das taxas, consideradas altas por eles, pagas para poder exercer o comércio durante o período dos festejos religiosos.

Eu tenho um ponto de comércio aqui no fundo, fica dentro da área da feira, então os barraqueiros, as pessoas que montam essas barracas, são todos meus clientes. E aí, uns desabafam, outros falam, é um caos total! [...] Os barraqueiros se sentem lesados.<sup>16</sup>

Em entrevista concedida em janeiro de 2016, o *Entrevistado 1* é sempre reticente ao mencionar a parte comercial da festa. Em sua fala, fica nítida a separação entre as duas vertentes da festa, sendo a feira chamada por ele de “festa profana”. Segundo ele, a feira é um consequência cultural inevitável e, caso estivesse muito próxima à igreja, seria possível intervir mais diretamente<sup>17</sup>. Isso foi, na verdade, o que ocorreu na década passada, segundo alguns dos entrevistados<sup>18</sup>.

---

<sup>14</sup> *Entrevistado 3*. Op. cit..

<sup>15</sup> *Entrevistado 7*. Op. cit. *Entrevistada 4*. 39 anos. [maio. 2016]. Entrevistadores: Hatus Lima Brito e Carina Rocha. Porto Seguro, Bahia. 05 de maio de 2016.

<sup>16</sup> *Entrevistado 6*. *Idem*.

<sup>17</sup> *Entrevistado 1*. Op. cit.

<sup>18</sup> *Entrevistado 5*. Op. cit. *Entrevistado 2*. Op. cit. *Entrevistada 7*. 33 anos [abril. 2016]. *Entrevistada 3*. Op. cit. *Entrevistada 11*. 33 anos [abril. 2016]. Entrevistador: Hatus Lima Brito. Porto Seguro, Bahia. 26 de abril de 2016.

Quando a feira comercial expandiu-se dentro do Centro Histórico, a paróquia interveio, com respaldo público, afastando-a e organizando-a em uma área há algumas dezenas de metros da Igreja Matriz. Ou seja, o “sagrado” sente-se ameaçado pelo “profano” e o afasta. Entretanto, estando o sagrado apartado das coisas cotidianas, é difícil neutralizar o incômodo produzido pela associação das vertentes comerciais e religiosas. Como percebemos na fala do *Entrevistado 1* com o frei, tal incômodo persevera, mesmo com uma suposta distância de segurança.

Para além das notórias dicotomias entre o sagrado e o profano, é possível também, por um viés socioeconômico, traçar paralelismos significativos entre a festa e as dinâmicas sociais da cidade. Porto Seguro, como nos mostra Neto (2015), passou por um acentuado processo de crescimento demográfico e de expansão de áreas habitadas, sobretudo na última década do século passado. Com o declínio do cultivo de cacau, em decorrência do avanço da chamada “vassoura de bruxa” (*Moniliophthora perniciosa*), a ampliação da indústria madeireira e o incremento turístico, Porto Seguro e seus distritos (Arraial d’Ajuda, Trancoso, Vale Verde e Caraíva) reforçaram suas vocações como significativos polos econômicos regionais. Com esse aumento de circulação financeira, de produtos e de serviços, expandiram-se também o número de pessoas à margem do sistema. Nos anos 90, firma-se como território de grande concentração populacional o bairro Frei Calixto, mais conhecido como complexo do Baianão, situado relativamente distante das regiões centrais e da orla de Porto Seguro<sup>19</sup>. Além do mais, na economia geral da cidade de Porto Seguro e do extremo sul da Bahia, os detentores dos meios de produção, incluindo investidores do turismo, da indústria madeireira e da pecuária, são provenientes, em grande parte, dos Estados de Minas Gerais e do Espírito Santo (NETO, 2013).

Quando nos voltamos à parte comercial da festa, no contato com os moradores antigos e participantes, observamos que a maioria dos vendedores não são habitantes da cidade. Apenas um número reduzido de moradores do Baianão e de outras áreas da cidade atuam no comércio da festa, geralmente em barracas de alimentos. Os habitantes das ocupações territoriais mais recentes de Porto Seguro são consumidores e não proprietários de barracas comerciais. A maior parte dos proprietários é constituída por viajantes cuja procedência é provavelmente muito variada e não nos é, nesta investigação, possível afirmar com exatidão. Logo, observamos grandes semelhanças entre a dinâmica econômica da cidade e da feira. Em ambos os casos, parte significativa dos proprietários dos meios de produção não provém de Porto Seguro ou da região em que a cidade se insere. Por outro lado, do ponto de vista geográfico, nota-se que o deslocamento da parte comercial da festa deu-se após o adensamento populacional da cidade nas zonas periféricas. É possível

---

<sup>19</sup> O bairro Frei Calixto compreende quatro áreas, segundo entendimento corrente. O centro, que inclui as imediações da chamada Praça da Caixa d’Água, o Mercado do Povo, Casas Novas e Gravatá.

reconhecer a existência de duas dinâmicas diferentes nas festividades de Nossa Senhora da Pena de Porto Seguro, assim como duas realidades sociais também distintas e distanciadas geograficamente na cidade. Observamos o quanto uma festa pode refletir de forma micro e macro nas dinâmicas sociais e mostrar-se como um “retrato” histórico-social de uma cidade em constante transformação. Uma grande cisão social, observável em boa parte das cidades brasileiras e evidente em Porto Seguro e em sua principal festa.

### **Considerações finais**

Ao contrário do que acontece com os acessos às regiões centrais e à orla de Porto Seguro, a passagem pela parte comercial da festa da Pena é inevitável, pois está situada no principal caminho à igreja e ao Centro Histórico. Para chegar e sair do “sagrado”, passa-se normalmente pelo “profano”. O inverso, por outro lado, não se dá. A orientação e os movimentos espaciais têm enorme importância na constituição dos ritos da festa, tanto quanto pensamos do ponto de vista histórico mais amplo quanto em sua atualidade. Como observou Maia (2010, p. 106), embora as fronteiras se embarquem, por vezes, os rituais de deslocamento e a apropriação dos espaços como sagrados não traduzem dessacralização. Em nosso caso, os polos comerciais e religiosos ressaltam mutuamente suas dimensões sagradas e profanas.

Buscando atender a nossa proposta inicial de apresentar e refletir sobre esta pouco estudada festa de Porto Seguro, fomos amparados por autores de diversas áreas (sociologia, antropologia, geografia e história), pelas entrevistas de participantes e pela nossa própria vivência na festa.

Uma festa sacro-profana, como a de Nossa Senhora da Pena de Porto Seguro, comporta ordens internas e uma dinâmica particular. Ainda que tenhamos observado analogias entre as ordens da cidade, da igreja e da festa, a festa não é somente moldada pela cidade e pela igreja, mas também é agente ativo em processos transformadores. Quando, de acordo com os relatos de seus participantes, ressaltamos o afastamento geográfico da parte comercial da festa, conduzido pela igreja, devemos lembrar que as autoridades religiosas apenas intervieram em uma realidade, a princípio, fora de seu controle. Há, portanto, algo que é próprio da festa e precede à intervenção institucional. A festa da Pena, obviamente, circunscreve-se em um sistema social e é lugar onde fatos econômicos e políticos são articulados. Porém, sendo um momento especial no qual a vida coletiva é mais intensa, a festa, em relativa autonomia, abre-se a paroxismos, momentos de efervescência coletiva, descontroles e, por consequência, sua caracterização estática será sempre empobrecida. Como observou Perez (2011, p. 31), a “heterogeneidade, a fragmentação e a aceleração do tempo da modernidade, sobretudo seu afã de mudança, de busca incessante do ‘novo’ [...] não matam a festa, nem fazem surgir em seu lugar simulacros vazios”. Para se perpetuar, é preciso mudar. A festa tece

tramas entre a tradição e a modernidade em uma dinâmica de adaptações e amálgamas. Reflete/produz processos locais e comporta inúmeras possibilidades de abordagem. Esse texto procurou, de maneira sucinta, levantar alguns aspectos na busca por uma caracterização da festa de Nossa Senhora da Pena de Porto Seguro. Foi feita uma breve apresentação da noção de festa e de nossa abordagem, que teve por opção tomá-la como um complexo jogo de significados que se constroem e se transformam. O histórico embate entre o sagrado e o profano adquire novas facetas, explicitando sua dissociação, mas sem estancar sua inevitável permeabilidade. Dicotomias, coexistências mais ou menos pacíficas, tensionamentos e contínuas reconfigurações apresentam-se a cada nova investida crítica neste fenômeno de difícil conceituação, ao qual chamamos genericamente de “festa”.

## Referências

- AMARAL, R. Para uma antropologia da festa: questões metodológico-organizativas do campo festivo brasileiro. In: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wânia. *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p. 68-86.
- ARANTES, A. A. *Museu Aberto do Descobrimento*: guia cultural. Campinas: Andrade & Arantes Ltda., 2001.
- HATZFELD, H. *As raízes da religião*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- MAIA, C. E. S. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- MAIA, C. E. S. Ritual e emoção nas interações espaciais: repensando o espaço sagrado nas festas populares de romarias e folguedos (notas introdutórias). In: ROSENDAHL, Zeny. *Trilhas do sagrado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- MAURÍCIO, A. *Templos Históricos do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert., 1945. p. 273-279.
- MEIHY, J. C. S. B. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. *Revista de História Oral*, São Paulo, v. 2, n. 155, p. 191-203, dez. 2006.
- NETO, S. P. G. C. Construção Geográfica do Extremo Sul da Bahia. *Revista de Geografia*, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 246-263, 2013.
- NETO, S. P. G. C. Turismo e Desenvolvimento: transformações no território da Região do Extremo Sul da Bahia. *Caminhos da Geografia*, Uberlândia, v. 16, n. 55, p. 74-88, set. 2015.

PEREZ, Léa Freitas. Festa para além da festa. In: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wânia. *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p. 21-42.

VARES, Sidnei Ferreira de. O sagrado e o profano em Émile Durkheim. *Revista Interdisciplinar E – FAPPES*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 1-19, fev./jul. 2015.

WEISS, Raquel. Durkheim e as formas elementares da vida religiosa. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 13, n. 22, p. 96-119, 2012.

---

### Alexandre Siqueira de Freitas

Doutor em Artes/Música pela Universidade Paris-Sorbonne e pela Universidade de São Paulo. Mestre em Musicologia pela Universidade de Toulouse II, Bacharel em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professor na Universidade Federal do Espírito Santo. Durante as pesquisas que resultaram neste trabalho, o autor lecionava na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), campus Sosígenes Costa, em Porto Seguro.

Endereço atual: UFES, Centro de Artes. Av. Fernando Ferrari, n.º 514, Vitória, Espírito Santo, CEP: 29075-073.

E-mail: alexandre\_sfreytas@yahoo.com.br

### Hatus Lima Brito

Cursa Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade Federal do Sul da Bahia.

Universidade Federal do Sul da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Campus Sosígenes Costa.

Rodovia Porto Seguro, BR-367, Km 10, Eunápolis, Bahia, CEP: 45810-000.

E-mail: hatus\_hb@hotmail.com

---

Recebido para publicação em janeiro de 2017  
Aprovado para publicação em maio de 2017